

INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO GRAMATICAL

José Pereira da Silva (UERJ)

PERINI, Mário A[lberto]. *Princípios de lingüística descritiva: introdução ao pensamento gramatical*. São Paulo: Parábola, 2006, 206 p. (Série “Linguagem”, n° 18)

parabola@parabolaeditorial.com.br

Princípios de Lingüística Descritiva, de Mário A. Perini, é uma introdução aos estudos lingüísticos, dirigida em primeiro lugar a estudantes de graduação, transmitindo um conjunto de conhecimentos e habilidades que o lingüista deve adquirir antes mesmo de tomar contato com qualquer teoria lingüística.

Perini apresenta, aqui, subsídios importantes para a preparação do lingüista consciente das escolhas teóricas que fizer, porque a visão pessoal dos fatos depende desse treinamento, sem a qual “o iniciante fica à mercê de idéias alheias, arriscando-se a nunca se conscientizar devidamente do caráter empírico da lingüística e da fragilidade das teorias.” (p. 11)

Trata-se, portanto, de “uma introdução às técnicas de análise lingüística”: de obtenção, sistematização e interpretação superficial de dados, com farta exemplificação da língua portuguesa.

Princípios de Lingüística Descritiva trata das teorias e métodos utilizados para descrever a organização formal e semântica da língua, deixando, naturalmente, de fora algumas questões, preocupado em preparar um livro didático que possa ser estudado em um ou dois semestres, no máximo, dividido em três partes, como se verá mais abaixo.

A ordenação da matéria segue mais um critério didático do que conceitual; por isso foi preciso dividir certos assuntos muito importantes (como a classificação das formas) em mais de um bloco, introduzindo o tema em nível elementar e voltando a ele posteriormente quando se tornou possível um tratamento mais aprofundado (2ª orelha).

As habilidades que os estudantes desenvolverão com a ajuda desse livro são de utilidade geral para a compreensão dos fatos lin-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

güísticos, aonde quer que seja levado por seus interesses posteriores.

Além de fornecer noções básicas de análise e exemplificação tirada da estrutura do português, *Princípios de Linguística Descritiva – Introdução ao Pensamento Gramatical* objetiva desenvolver no estudante a sensibilidade aos fenômenos lingüísticos, algo que lhe permita saber o que observar ao se ver confrontado com dados. (2ª orelha)

Organizado em vinte e quatro capítulos, de extensão aproximadamente regular, precedidos de uma “Apresentação” e de uma “Introdução”, Perini dividiu seu trabalho em NOÇÕES BÁSICAS (com dez capítulos), INSTRUMENTOS DE ANÁLISE (com oito capítulos) e GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS (com seis capítulos), nesta ordem:

Na primeira parte trata de: “Fatos e hipóteses”; “De onde vêm os dados?”; “Forma e significado”; “O objetivo da descrição”; “Componentes do significado”; “Onde entra a gramática”; “Princípios de análise”; “Regras descritivas”; “Sintaxe e semântica” e “Relações simbólicas na morfologia e na sintaxe”.

Na segunda parte, um pouco menor, de: “Níveis e unidades”; “Funções sintáticas”; “Funções sintáticas: mais exemplos”; “Funções semânticas”; “Classes”; “Classes e funções”; “Construções” e “O léxico.

Por fim, na terceira, que é seguida da “Bibliografia” e de um “Índice remissivo”, de: “Classes: alguns exemplos”; “Sintagmas oracionais”; “Período composto”; “Classes: *todos, esses e cinco*”; “Construções de tópico” e “Tópico discursivo”.

Perini oferece aqui

...uma introdução às técnicas de análise lingüística: técnicas de obtenção de dados, de sistematização e de interpretação superficial, sem as quais, acredito, nunca vai ser possível elaborar teorias mais sólidas do que as atuais. Essas técnicas permitem elaborar uma **descrição** que tem utilidade em duas áreas principais: primeiro, leva ao conhecimento sistemático dos fatos de uma língua, o que interessa aos estudiosos dessa língua e também aos que a ensinam ou estudam para chegar a seu uso na prática; e, depois, fornece ao lingüista teórico uma base de dados confiável para construir e testar eventuais teorias. (p. 11)

“O foco escolhido para este livro são os estudos gramaticais *stricto sensu*”, privilegiando-se “o estudo da morfossintaxe e da semântica” da língua portuguesa, apesar de se tratar de trabalho que

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

pretende desenvolver habilidades de utilidade geral. (cf. p. 13)

A finalidade principal da ampla exemplificação oferecida é desenvolver no estudante uma certa sensibilidade aos fenômenos linguísticos... (cf. p. 13)

A linguística se ocupa da linguagem humana sob vários aspectos, entre eles da gramática, que é “o estudo da organização interna dos enunciados linguísticos de cada língua, tanto no que diz respeito à sua forma (realizada através dos sons da fala ou de símbolos escritos) quanto no que diz respeito ao seu significado” (p. 17-18)

Cumprir distinguir, naturalmente, dois tipos de gramática: gramática prescritiva (ou normativa) e gramática descritiva, visto que a primeira trata da descrição de uma língua hipotética – a língua padrão ou língua exemplar – enquanto a segunda descreve a realidade dos fatos observados, sem qualquer julgamento de valor. Este segundo, naturalmente, é que é o trabalho do linguísta.

Para descrever uma língua, o linguísta parte dos fatos e elabora hipóteses, que são testadas e aperfeiçoadas na medida em que o seu trabalho avança, visto que seria impossível fazer uma listagem completa desses fatos. A hipótese substitui essa listagem, revelando “as grandes linhas da estrutura da língua”. (Cf. p. 32-33)

Exemplificando com uma contribuição importante desse livro para a reflexão gramatical das línguas, a sua proposta de divisão da classe dos nomes em “substantivos”, “adjetivos” e “ambivalentes” (p. 28-32), e as reflexões que apresenta sobre o “potencial funcional” (p. 138-139) trazem contribuições muito importantes para outras idéias gramaticais, como, por exemplo, as que outros linguístas desenvolvem sobre a dificuldade de se distinguir flexão de derivação (Gonçalves, 2005) e sobre a forma de expressão do gênero gramatical do substantivo (Botelho, 2004 e Silva, 2005), além de outras.

Veja-se, por exemplo, o que escreve a respeito da classificação da palavra “amigo” nas frases “[7] Meu amigo vai telefonar às oito horas” e “[8] Eu sempre prefiro consultar um médico amigo”:

A solução tradicional é dizer que *amigo* é substantivo em [7] e adjetivo em [8]. Esa solução é incorreta, porque esconde o fato de que a palavra *amigo* tem o potencial funcional de palavras como *mesa*, mais o potencial funcional de palavras como *estomacal*. *Mesa* pode ser núcleo

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

de um SN, mas não modificador; *estomacal* pode ser modificador, mas não núcleo; e *amigo* pode ser as duas coisas. A palavra *amigo* pode desempenhar mais de uma função, mas isso não significa que possa pertencer a mais de uma classe. As palavras que podem ser núcleos ou modificadores constituem uma classe, distinta das que só podem ser núcleos e das que podem ser só modificadores. Conclui-se que essas três palavras pertencem a três grupos de potencial funcional distinto – portanto, a três classes distintas. Por isso mesmo, *amigo* pode aparecer em contextos onde *estomacal* não pode (isto é, como núcleo de um SN) e também em contextos onde *mesa* não ocorre (como modificador). Temos aqui três classes de palavras, e não apenas duas; e cada uma dessas palavras pertence a uma dessas classes. (p. 140)

Considerando-se que o percentual de substantivos que têm formas aparentemente flexionais para indicar o feminino não chega a 4% (quatro por cento) do léxico do português, o que contraria o princípio básico da flexão, Perini demonstra que essas palavras não deveriam ser classificadas como substantivos, porque têm um “potencial funcional” não coincidente com o desta classe de palavras.

Sua reflexão sobre “fatos e hipóteses” na descrição linguística também são importantes, para reforçar as possibilidades de um ensino descomplicado da leitura e da acentuação gráfica (Cf. Dequi, 2002 e 2005), simplesmente com o cuidado de se observar a realidade dos fatos, obedecendo criticamente às propostas tradicionais de ensino e de descrição da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTELHO, José Mario. *O gênero imanente do substantivo no português*. Rio de Janeiro: Botelho, 2004. (Série Acadêmica).

DEQUI, Francisco. *Neopedagogia da gramática*. Canoas: Centro de Estudos Sintagmáticos, 2005.

———. *Português (fono-orto-morfo)*. 5ª ed. Canoas: Centro de Estudos Sintagmáticos, 2002.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Flexão & derivação em português*. [Rio de Janeiro]: Faculdade de Letras/UFRJ, 2005.

SILVA, José Pereira da (Org.). *A expressão de gênero do substantivo: alguns textos básicos para sua discussão*. 2ª ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: [Edição do Autor], 2005.